

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JOSIVANE FERREIRA OLIVEIRA**

**GÊNERO E SEXUALIDADE: INFORMAÇÃO VERSUS EDUCAÇÃO, UM  
CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO ENTRE OS SEXOS**

**PARNAÍBA**

**2009**

**JOSIVANE FERREIRA OLIVEIRA**

**GÊNERO E SEXUALIDADE: INFORMAÇÃO VERSUS EDUCAÇÃO, UM  
CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO ENTRE OS SEXOS**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí - UESPI como requisito parcial do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação professor especialista Antonio Marcos Silva Costa.

**PARNAÍBA**

**2009**

JOSIVANE FERREIRA OLIVEIRA

**GÊNERO E SEXUALIDADE: INFORMAÇÃO VERSUS EDUCAÇÃO, UM  
CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO ENTRE OS SEXOS**

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professor(a) Examinador(a):**

---

**Professor(a) Examinador(a):**

---

**Professor(a) Examinador(a):**

**PARNAIBA  
2009**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me iluminado nesta caminhada; agradeço também a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.”

**Jean Piaget**

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever como as relações de gênero e a sexualidade vêm se constituindo no Ensino Infantil de duas escolas públicas da cidade de Parnaíba-PI. A investigação realizou-se a partir de depoimentos emitidos pelos professores investigados, visando saber se os mesmos promovem ou não a integração entre o sexo feminino e masculino no ambiente escolar. Bem sabemos que a sexualidade e o gênero vêm sendo abordado de uma forma cada vez maior pela mídia muitas vezes de uma maneira equivocada, cabendo então aos professores corrigirem as informações recebidas de uma maneira retorcida por seus alunos, e assim promover o bom convívio entre os sexos. Para o suporte teórico apresentado neste trabalho foi utilizada uma vasta bibliografia produzida por estudiosos que se destacam no assunto. As informações obtidas através da pesquisa de campo permitiram perceber que a integração entre os sexos no ambiente escolar ainda é vista como algo difícil de promover, e que o interesse dos professores em dialogar com os alunos sobre esta temática é mínimo.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidade; Educação.

## **ABSTRACT**

This work has as objective describes as the gender relationships and the sexuality comes if constituting in the Infantile Teaching of two public schools of the city of Parnaíba-Pi. The investigation took place starting from depositions emitted by the investigated teachers, seeking to know the same ones promotes or no the integration among the feminine and masculine sexes in the school atmosphere. Well we know that the sexuality and the gender has been approached in a way every time larger for the media many times in a mistaken way, falling to the teachers then to correct the information received of a twisted way for their students, and like this to promote the good conviviality among the sexes. For the theoretical support presented in this work a vast bibliography was used produced by specialists that stand out in the subject. The information obtained through the field research allowed to notice that the integration among the sexes in the school atmosphere is still seen as something difficult to promote, and that the teachers' interest in dialoguing with the students on this theme is minimum.

**Keys-word:** Gender; Sexuality; Education.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I- CONTEXTO HISTÓRICO DE GÊNERO E SEXUALIDADE .....	10
1.1 Gênero: um conceito construído.....	10
1.2 Sexualidade: conceitos e pré-conceitos.....	15
CAPÍTULO II - MASCULINO E FEMININO: da natureza à cultura .....	19
CAPÍTULO III - EDUCADORES X INTEGRAÇÃO ENTRE FEMININO E MASCULINO NO AMBIENTE ESCOLAR.....	27
3.1. Análise e tabulação de dados.....	30
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37
APÊNDICE	

## INTRODUÇÃO

Desde muito cedo a sociedade impõe padrões de comportamentos diferenciados para homens e mulheres. O conceito de gênero diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos, enquanto que, sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de masculino e feminino.

Abordar gênero e sexualidade significa falar da transformação dos costumes e valores que vem ocorrendo nas últimas décadas, transformação esta que ainda traz consigo muitas discriminações por vezes encobertas relacionadas ao gênero, enfim de todas as representações sociais que giram em torno desta temática.

Os conceitos de gênero e sexualidade atualmente expressam estereótipos de masculinidade e feminilidade. Esses conceitos são transmitidos pela sociedade e envolve tabus, crenças, postura, etc., e todo esse processo é chamado sexismo.

Estabelecer padrões de comportamento revela dificuldade de lidar com o múltiplo, com o que é diferente e que na verdade seja o que traga a curiosidade, a novidade e a criatividade.

Tendo em vista esse contexto que repercute tanto no meio familiar como também no meio escolar, surgiu então o interesse em realizar esse estudo com a finalidade de saber por que os professores não promovem a integração entre o sexo feminino e masculino? Assim também analisar se os professores dão importância a integração entre os sexos feminino e masculino no cotidiano para o desenvolvimento de ambos; verificar se os professores respeitam as muitas e variadas expressões do feminino e masculino perceber se os professores são capazes de aceitar a diversidade dos gêneros feminino e masculino.

Para maior obtenção de informações sobre esse tema, procurou-se pesquisar a visão dos professores no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade, o que pensam e como agem.

Tendo como base esses pressupostos, escolheu-se como objeto de estudo (14) professores pertencentes à rede pública da cidade de Parnaíba, sendo 2 escolas municipais (escola X e escola Y), com a pretensão de obter uma visão mais clara de como esse tema vem sendo trabalhado nessas escolas.

Como suporte metodológico, esse trabalho de investigação lançou mão do questionário, contendo 10 questões todas objetivas aplicadas *in loco*.

Para que o leitor obtenha um melhor entendimento deste trabalho, buscou-se dividi-lo em três capítulos:

No primeiro capítulo, faz-se um breve histórico sobre o gênero e a sexualidade, mostrando como os mesmos surgiram e como a sociedade encarava essa temática.

No segundo capítulo, aborda-se a questão do masculino e feminino da biologia à cultura, onde se busca comparar conceitos biológicos e culturais para explicar a diferença de comportamento entre homens e mulheres dentro de um contexto social.

Por fim, têm-se o terceiro capítulo. Nele encontra-se o foco dessa monografia, que é saber que rumos vêm tomando a integração entre o feminino e o masculino no ambiente escolar na cidade de Parnaíba-Pi, e saber qual a visão dos professores sobre este tema, do qual o resultado da pesquisa será exposto através de gráficos, para melhor compreensão do leitor.

Enfim, deseja-se que o leitor desta monografia obtenha novos aprendizados sobre este tema, e também possa desfrutar de um momento de prazer ao ler a mesma.

## CAPÍTULO I

### CONTEXTO HISTÓRICO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

#### 1.1. Gênero: um conceito construído

O conceito de gênero surgiu em um movimento feminista, onde estudiosas discordavam que o determinismo biológico pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres. Este determinismo que as mesmas discordavam serviu para justificar as desigualdades entre os sexos, a partir somente das aparências físicas.

Segundo Felipe (2000), o feminismo foi um movimento social que lutava por direitos iguais em todos os aspectos tanto políticos e sociais que começou a ter visibilidade no final do séc. XIX, esse movimento somou-se a outros movimentos, como os estudantis, negros, dentre outros, principalmente nos Estados Unidos, Alemanha, França e Inglaterra.

O que realmente importa para o gênero é discutir os processos de uma formação histórica, lingüística e social, instituídas no desenvolvimento de mulheres e homens, meninos e meninas dentro da sociedade.

Para complementar este pensamento, Britzman (1998):

A identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeta pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como o gênero, raça, nacionalidade, aparência física e estilo popular.

O estudo feminista esteve sempre preocupado com as relações de gênero e o poder que cada um exerce dentro da sociedade. Os estudos de gênero não se limitam somente sobre as mulheres, pois esse conceito surgiu através delas, mas incluem também os estudos sobre a construção da masculinidade.

O conceito de gênero vem sendo utilizado às vezes de uma maneira equivocada pela sociedade, fazendo assim com que o mesmo seja visto como sinônimo de papéis sexuais, estereótipos sexuais ou de identidades sexuais. É o que podemos ver no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no volume 2 (Brasil, 1999, 17.20), quando afirma que a criança quando tem cinco ou

seis anos a questão de gênero passa a ocupar um papel central na construção da identidade, onde ocorre a separação entre meninos e meninas. Sendo assim nesse contexto são desconsideradas construções históricas, sociais e culturais.

Sobre este aspecto o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, (1998) comenta que:

Mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração de papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas toma-se uma forma de se apropriar da identidade sexual.

O conceito de gênero ainda hoje é visto como algo fútil podemos ver isso em alguns estudos voltados às relações de gênero na educação infantil onde esse assunto é tido como algo que apavora pais e professores. Na educação infantil onde é o berço da educação podemos observar preconceitos de gênero em algumas brincadeiras e atividades, onde várias vezes a criança aprende a desvalorizar atividades tidas como femininas, e outras vezes tidas como masculinas, e essa forma de discriminação é que contribui para a construção de adultos desinformados e preconceituosos.

Podemos observar que o gênero é algo que é presente em todas as etapas na vida do ser humano, mas isso é pouco observado. No momento em que o bebê nasce, por exemplo, se ele for do sexo masculino quando choram são atendidos com mais rapidez do que bebês do sexo feminino, pois a sociedade determina que o sexo frágil seja o feminino e que o masculino nunca deve chorar ou demonstrar sentimento

Outro ponto muito confuso entre os indivíduos é a identidade de gênero e a identidade sexual que estão em constante transformação. Tais identidades apresentam-se muito ligada uma a outra, mas têm sentido diferente a identidade de gênero refere-se à identidade histórica e social dos sujeitos, que são reconhecidos como femininos ou masculinos, já a identidade sexual refere-se diretamente à maneira com que os sujeitos expressam seus desejos corporais; essas identidades vão se construindo ao longo da vida.

Como coloca Viana (2008) no artigo da revista: Educação grandes temas. "Nossas concepções sobre a diferença da natureza de gênero formam e até mesmo refletem nosso entendimento sobre nossos corpos físicos".

Tanto as identidades de gênero quanto a sexual estão passíveis de transformações, além do que desde que nascemos estamos nos construindo aos poucos como sujeito com muitas identidades sejam elas de gênero, etnia, religiosa, sexual, etc., embora muitas vezes estas sejam ignoradas pela sociedade.

O gênero pode também ser entendido como um dos elementos que constroem as relações sociais, assim fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos um primeiro modo de dar poder ao indivíduo. Também como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas, o gênero implica quatro elementos inter-relacionados, em primeiro lugar os símbolos culturalmente disponíveis que demonstram situações contraditórias como Eva e Maria como símbolos da mulher, por exemplo, na tradição cristã ocidental, mas também mitos de luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção.

Em segundo lugar, conceitos normativos que expressam interpretações dos significativos dos símbolos, que de uma maneira ou de outra limitam desejos e comportamentos. O terceiro é a organização social, certos pesquisadores têm restringido o uso do gênero ao sistema de parentesco, centrando como base da organização social o lar e a família. O gênero desenvolve-se e é construído através do parentesco, mas não é construído igualmente na economia e na organização política, que em nossa sociedade atuam de uma maneira independente do parentesco.

O quarto aspecto é a identidade subjetiva, os historiadores precisam pesquisar e estudar as formas pelas quais as identidades generificadas são construídas e relacionar seus achados com uma série de atividades, de organizações e representações sociais específicas.

Pode-se observar que discutir sobre gênero é acima de tudo respeitar comportamentos diferenciados dos indivíduos e isso leva os indivíduos buscar dentro da sociedade combater relações autoritárias, questionar a rigidez de conduta estabelecida tanto para homens quanto para as mulheres e buscar formar novos conceitos, sendo estes compreensivos e respeitadores.

Dentro de uma sociedade o termo gênero é visto de maneiras variadas, mas a maioria dessas maneiras busca superar o determinismo biológico como fator explicativo, existe aqueles que o utilizam para resgatar a produção cultural e histórica das diferenças sexuais, mas que mantêm o sexo, ou seja, as distinções biológicas como fonte de explicações. Já outros não vêem absolutamente nenhuma

contribuição da biologia para se explicar as semelhanças e diferenças entre homens e mulheres, o que vem a ser considerado um fator cultural.

Connell (2000) diz que, se o gênero é um produto histórico, então ele está aberto às mudanças históricas.

Como já foi observado o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças existentes entre os sexos, pode-se assim afirmar que na nossa socialização como homem ou mulher interfere na forma como nós nos relacionamos em todos os aspectos da vida. Sendo assim, negar o gênero é negar uma nova educação cultural.

A expressão gênero está sendo utilizada exatamente para mostrar que não se trata apenas de uma diferença física, biológica. Como não existe natureza humana desligada da cultura, a diferença anatômica não pode ser pensada de uma maneira isolada, ou seja, falar de relações de gênero é falar das características que são atribuídas a cada um dos sexos pela cultura e sociedade. A diferença biológica é apenas o começo, ou o ponto de partida para a construção social do que venha a ser homem ou mulher.

Nestas distinções de gênero na visão cultural e biológica pode-se observar que se devem levar em conta as diferenças regionais que fazem toda a diferença na hora de se criar conceitos a respeito de gênero, o que implica na forma de educar desses indivíduos.

O gênero ainda é pouco abordado dentro das escolas, mas é justamente na escola que os indivíduos aprendem a respeitar, aprendem a lidar com o novo e lutar contra e qualquer preconceito que os mesmos venham a depararem-se quando adulto.

Nossa sociedade evoluiu muito com relação ao gênero, mas evolução não significa saber o real significado do que venha a ser gênero. Por isso a escola deve trabalhar a origem do gênero e não apenas ensinar nossas crianças a respeitar as diferenças existentes entre os sexos. Nossas crianças devem conhecer a história do gênero para assim entendê-lo e buscar a cada dia mudar a forma preconceituosa de pensar de alguns adultos que confundem gênero com desrespeito cultural.

Pode-se observar que nossas crianças começam a diferenciar comportamentos entre meninos e meninas no momento em que as mesmas adentram em uma sala de aula, sendo que no primeiro momento ocorre o

agrupamento espontâneo das crianças por sexo, assim então dificultando o relacionamento entre meninos e meninas.

Louro (1998) a separação de meninos e meninas, é então, estimuladas pelas atividades escolares, que divide em grupos de estudos ou que propõe competições.

Essa atitude acima citada pode e deve ser respeitada desde que não implique a desvalorização do próximo. Essa atitude relaciona-se com a construção da identidade da criança que ao realizar algumas atividades ver-se como menino ou menina.

Existe um segundo momento na educação do indivíduo que é onde o mesmo busca esclarecer suas curiosidades sobre as diferenças existentes entre os sexos, e por último o terceiro momento que é aquele que há um maior envolvimento entre os sexos, momento este que é repleto de conflitos, medos e agressões de diferentes intensidades.

Por essas observações pode-se perceber que o conceito de gênero deve ser bem esclarecido pelos professores que de uma maneira ou de outra não devem e não podem fugir desse momento educacional da vida da criança. Portanto, essa tarefa é árdua, constante e de avaliação contínua, uma ação que requer sensibilidade, sentimento afetivo, aceitação e integração, por isso o educador deve estar disposto e preparado para debater esse assunto dentro e fora da sala de aula.

Segundo Aquino (1997):

Educar [...] (por meio das múltiplas linguagens, do mais simples para o mais complexo, do eu para o mundo, da ação concreta mais próxima para a abstração mais distante, e de atitudes contínuas de reciclagem do saber, procurando conhecer como conhecemos, aprender como percebemos e construirmos realidades) é o pleno exercício de todas as "inteligências" [...] na teoria e na prática.

Portanto, o ato de educar é uma forma de melhorar a atuação da pessoa no ambiente em que vive, existindo assim, uma constante reconstrução do pensamento. Diante desse contexto, educar é esclarecer, e o termo gênero deve ser exposto e esclarecido dentro da escola e na sociedade para que assim esse conceito faça parte dos conhecimentos adquiridos no decorrer da vida do indivíduo que busca renovar-se culturalmente todos os dias.

## 1.2. Sexualidade: conceitos e pré-conceitos.

Na Antiguidade, a sexualidade humana teve suas primeiras manifestações vistas nas Festas Dionisíacas, conhecida como bacabais, em homenagem ao Baco, o deus do vinho na Grécia Antiga. Festas estas que foram admitidas tanto na Grécia como em colônias gregas da Itália e em Roma, mas tempos mais tarde tornaram-se proibidas pelo Senado de Roma, ao tomarem estilo totalmente libertino.

Daí então, a sociedade passou a sofrer grande influência pelas concepções da comunidade judaico-cristã, e outras ações de cunho pessoal, pelo menos até o século XIII, passaram a ser consideradas um interesse comunitário.

Com a expansão do Império Romano e o surgimento do Cristianismo surgiram entre os povos novos hábitos, usos e costumes. A virgindade tinha grande importância na Roma, a castidade era exagerada, homens e mulheres casavam-se e na maioria das vezes mantinham-se virgens por toda a vida. Este pensamento é corroborado por Faria (1999)

[...] o Cristianismo pode impor seus valores. No mundo ocidental cristão, a vida sexual ideal passou a ser a inexistente para o prazer, já que o sexo era visto com conotação de pecado e impureza, consentida apenas para a procriação e para a formação da família temente a Deus, sendo vinculada e consentida mediante o sagrado casamento. A virgindade tornou-se um grande valor, seguindo os modelos de Cristo e sua mãe. Vinha em seguida a castidade, de acordo com a qual quem já havia pecado podia, em parte, compensar essa falta abstendo-se de sexo pelo restante da vida.

Já na Idade Média a sexualidade teve característica negativa, a Igreja Católica era responsável pelo poder espiritual e sexual. Assim o sexo era visto como algo pecaminoso prevalecia a submissão e desvalorização da mulher. O adultério e a prostituição eram atitudes condenáveis.

A sexualidade era uma fruta do pecado do homem, sendo o casamento o propósito único a procriação, e qualquer ato sexual cometido era pecado. A ejaculação só deveria acontecer com a finalidade da reprodução; durante a Inquisição, quem praticasse a masturbação era levado a julgamento, denominado os que exerciam essa prática de "hereges" que poderiam ser condenados à morte na fogueira.

Os séculos XV e XVI podem ser conhecidos como pró-sexual. A luxúria era praticada, as crianças eram acariciadas pelos pais ou pelas amas para acalmá-las. Eram tidos como normais relacionamentos entre os adultos e adolescentes e os contatos pré-conjugais eram consentidos para comprovar a fertilidade da futura esposa, ato de total importância num período de alta taxa de mortalidade e de grande necessidade de braços para trabalhar na terra e de homens para o exercício nobre.

No começo do século XVII prevalecia a franqueza, as palavras eram ditas sem rodeios, mas com a ascensão burguesa isso acabou, foi quando a sexualidade foi reprimida mudando então para a intimidade familiar e sendo absorvida pela importância da função reprodutiva.

Muitos movimentos anti-sexuais se espalharam por todo o mundo, tendo como o auge dessas repressões três períodos históricos a partir do século XVII. O primeiro condiz com o prestígio do puritanismo na Inglaterra; o segundo ainda no século XVII ocorreu na Igreja Católica e o terceiro o mais repressor, no século XIX cujo era o vitorianismo.

O puritanismo surgiu no Calvinismo e iniciou-se na Inglaterra, no século XV no reinado de Elisabeth I. Os puritanos tinham um comportamento moral e espiritual rígidos, baseados na Bíblia, os mesmos ainda perseguiram as festas sexuais, o que causou uma propagação de caça às bruxas.

A Igreja Católica baseou-se nas idéias de Santo Agostinho e São Thomaz de Aquino onde controlava os cidadãos religiosos por meio da ideologia destes. De acordo com Ribeiro (1990) com renovação das concepções Agostinianas na Igreja Católica, ganhou força o pensamento a respeito do mal ocasionado pelo pecado original e os perigos da luxúria pelo ser humano. A propagação dessa doutrina quando a moral e os possíveis danos causados pelo sexo continuaram na Holanda, manteve-se firme na Irlanda, local onde a sexualidade fora reprimida de uma maneira assustadora como nunca ocorrera em outro lugar.

O movimento do vitorianismo originado no século XIX, durante o reinado de Vitória (1819-1901) na Inglaterra, que se espalhou devido ao domínio do Reino Britânico pelo mundo. Segundo Paulo Ribeiro (1990) o movimento do vitorianismo não só abalou a sociedade, como também estimulou a credence dos males em relação à perda de sêmen e pregava que toda ejaculação prejudicava o indivíduo, devendo evitar a relação sexual dentro do casamento.

O comportamento sexual nos séculos XV e XVI, época antecessora ao puritanismo e vitorianismo era predominantemente liberal, todos podiam satisfazer suas vontades sexuais para que assim o indivíduo não ficasse doente por reprimir suas vontades. Em alguns casos os relacionamentos extraconjugais eram permitidos, quase não existia preocupação do clero com relação ao celibato; no ambiente familiar todos dormiam e banhavam em grupos, inclusive os serviçais.

Juntamente a essa liberdade sexual ocorreu com o advento da burguesia uma propensão ao moralismo e controle religioso da Igreja Católica, havia vista por outro lado à presença de comportamentos sexuais libertinos tanto na sociedade como também nos próprios ambientes religiosos, sendo estes mosteiros, convento e sacristias.

Esse comportamento durou até o século XVII, onde se destacaram os pensamentos puritanos e vitorianos, como confirma Ribeiro (1999).

[...] Os puritanos não podiam falar abertamente de sexo, mas os vitorianos evitavam até mesmo mencionar a palavra perna na frente de uma pessoa de outro sexo, para evitar más interpretações. Os puritanos combinavam paixão com amor, sexo e romance dentro do casamento, mas os vitorianos tentaram abolir inteiramente a paixão sexual.

A sexualidade humana ainda hoje é acompanhada de muitos tabus devido a momentos históricos aqui citados. Nossa sociedade ainda é muito preconceituosa com relação a esse assunto, assim evitando ao máximo o contato das crianças com esse tema.

Em contrapartida ao contexto repressor, vários teóricos como Freud, Reich, Foucault entre outros, passaram a analisar as relações entre repressão e comportamento da sexualidade, além de defenderem a necessidade deste assunto na vida educacional do indivíduo.

Por volta do final desse mesmo século, a temática ganhou sua própria disciplina, a sexologia, tendo como base a psicologia, a biologia, a antropologia, a história e a sociologia. Esse acontecimento veio a influenciar o significativo sobre o comportamento sexual, pois a sexologia tem sido uma grande aliada no modo como julgamos o corpo e a sexualidade.

De acordo com esses acontecimentos acima citados a palavra "sexo" passou a não se resumir apenas à anatomia genital, a um mecanismo ou fonte de

prazer. Na espécie humana, sexo é muito mais que isso, inclui características físicas, aspectos psicológicos, éticos, culturais e morais.

Pode-se, então definir sexo como conformação particular que distingue o macho de fêmea, conferindo-lhes características diferentes.

Já a sexualidade segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais vol. 10 (1997):

[...] tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, [...] a sexualidade é construída ao longo da vida, e encontra-se marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito.

Assim, a sexualidade é uma expressão cultural com sentido amplo, pois cada sociedade cria um conjunto de normas que compõem padrões essenciais para a atitude sexual de cada sujeito, por isso devemos vê-la num ângulo que envolva os aspectos psíquicos, biológicos e socioculturais.

Só que para compreender isso tudo é importante lembrar que essas informações são transmitidas através de um meio de mudança social que é a educação. Diante disso, falar sobre sexualidade no ambiente escolar é necessário, pois a mesma tem influência decisiva no comportamento e nas atitudes do indivíduo.

## CAPÍTULO II

### MASCULINO E FEMININO: da natureza à cultura

Em nosso cotidiano, gênero e sexo são várias vezes utilizadas como sinônimos, como palavras que se referem às diferenças constitutivas de homens e mulheres, de machos e fêmeas. Entretanto, a construção do gênero, como categoria de análise da realidade, supõe, na sociedade ocidental contemporânea, o seu distanciamento do termo sexo. Este passa, então, a associar-se a interpretações biológicas, enquanto gênero procura resgatar o contexto histórico e cultural dos diferentes significados masculino e feminino presentes na sociedade.

Na sociedade, encontramos nas várias áreas de conhecimentos, explicações sobre as diferenças encontradas entre homens e mulheres baseadas nas distinções de sexo, e fundamentadas, em características físicas e naturais.

Desde o nascimento, ser homem ou mulher são condições tratadas de forma totalmente diferente na maioria dos casos. A definição do sexo da criança é cercada de muita expectativa familiar e social quanto ao seu comportamento. Essas expectativas orientam o caminho que a criança percorrerá até se tornar adulta; elas são o ponto de referência mais importante para a construção da vida psíquica e social do indivíduo.

De acordo com Thorne (1998):

[...] as noções de feminilidade e masculinidade, as divisões de gênero que se vêem nos playgrounds, estruturas de dominação masculina, a idéia de gênero em si, tudo são construções sociais. As crianças são socializadas no interior de arranjos de gênero já existentes.

Durante muito tempo acreditou-se que de acordo com a conformação biológica, havia características típicas dos comportamentos de homens ou mulheres: atividade ou passividade; objetividade ou sensibilidade; razão ou emoção.

A multiplicidade de comportamento "masculino" e "feminino" aponta para os padrões culturais das sociedades como o ponto principal de valores tão diferenciados. A construção desses valores é garantida através de uma educação que geralmente trata as meninas como frágeis e dóceis e os meninos como fortes e eficientes. Essa educação cria valores a respeito de qual comportamento social e pessoal podemos e devemos esperar do homem e da mulher. Os valores impõem

padrões masculinos e femininos, negando então as imensas diferenças existentes no interior do conjunto das mulheres e dos homens. Em consequência disso, surge a desaptação e o sofrimento de ambos os sexos que não se encaixam exatamente no tipo de comportamento que lhe é socialmente determinado.

As padronizações predominantes numa cultura que conhecemos como falocêntricas ou machistas apontam o sexo feminino como o sexo que deve atuar somente nas esferas privadas e o sexo masculino nas esferas públicas. Nas últimas décadas podemos ver mudanças, buscas nesses padrões rígidos, questionamentos que partiram dos movimentos feministas fizeram surgir a urgente necessidade de analisar esse modelo aprisionante.

Silva (1999) diz:

A separação do feminino e masculino fica expressa em alguns livros didáticos, que após terem sido objeto de várias análises, apontaram para a concepção de dois mundos, em mundo público masculino e um mundo privado feminino, atribuindo geralmente à figura feminina sinais de fragilidade e desempenho de atividades domésticas e ao homem traços de virilidade e desempenho de atividades que exigem extrema força física.

Podemos observar nas relações de gênero uma clara diferenciação entre masculinidade e feminilidade. Também se confirmam os estereótipos tradicionais de expressividade relacional para as mulheres e instrumentalidade para os homens. Vale ressaltar que existem perspectivas que sugerem a aproximação dos sexos, mas existem outras que destacam a manutenção da dominação masculina. É assim que ouvimos o eco no senso comum e na vida cotidiana.

A sociedade rotula os indivíduos que pertencem a ela, podemos nos deparar com essa situação no momento em que algumas atividades são restritas somente para homens e outras para mulheres. Logicamente que esse contexto não nega as diferenças biológicas, históricas, geográficas culturais sociais e até do ciclo de vida dos indivíduos.

Essa teoria de gênero, afirma que as pessoas desenvolvem expectativas, acerca dos outros e de si, baseadas em suas crenças que indicam qual o comportamento mais adequado para os homens e para as mulheres.

As crenças da maioria dos indivíduos acerca do comportamento masculino e feminino apresentam-se em duas dimensões: as mulheres devem apresentar-se como seres menos egoístas, mais expressivas emocionalmente,

demonstrar mais atributos comunais, dentre outros, já os homens devem apresentar-se como seres independentes, imperiosos, instrumentais, etc.

Alguns autores defendem que tanto a definição social do homem e da mulher quanto aos respectivos modos de ser, não só estabelecem uma diferenciação binária, entre estas categorias sociais como também uma diferenciação assimétrica entre elas.

Como podemos perceber o masculino e o feminino mantêm-se como dois conceitos bem diferenciados para os homens e para as mulheres, seja qual for a sua geração. Isso ocorre devido ao conceito de gênero estabelecido pela sociedade.

Segundo Louro (1998) o termo gênero significa “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença”. Isso porque ao aplicar um conceito que denota características sexuais “são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas e que se vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico”, ou seja, a valorização social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas veio a resultar em uma invisibilidade como sujeita, até mesmo para a ciência.

Dentro deste contexto, podemos reconhecer que mulheres e homens não nascem bons ou maus, a sociedade é que impõe seus deveres e direitos, seus comportamentos e atitudes, sendo que o masculino e o feminino se constrói por intermédio de práticas masculinizantes ou feminizantes.

Segundo Costa (2005):

As identidades [...] estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculino ou feminino, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser ou estar no mundo.

O gênero não é algo isolado, ele não se refere somente as relações entre homens e mulheres, mas também se refere a um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual. Esses símbolos são utilizados na compreensão do todo, ou seja, tanto nas relações sociais quanto nas relações entre homens e mulheres.

Esse código pode também servir para estabelecer e interpretar significados que não têm relações direta com o corpo, a sexualidade, nem as

relações homem e mulher, categorizando em termos de masculino e feminino as mais variadas relações dos seres humanos e da natureza a exemplo disso podem citar as cores rosa e azul, os astros sol e lua, e trabalhos de homem e de mulher.

As aprendizagens quanto aos papéis masculinos e femininos são de certo modo absorvida desde criança, pois os agentes socializadores influenciam através de expectativas, reforços, disposições, atitudes e comportamentos típicos estabelecidos para cada sexo, uma noção do que venha a ser homem ou mulher, do que é esperado, permitido, consentido e excluído para ambos os sexos. Além disso, essas aprendizagens são mantidas, por que meninos e meninas dedicam-se mais a imitarem os seus iguais do que os do outro sexo, baseando-se assim na observação direta, como na interpretação do que percebem como masculino e feminino.

O indivíduo antes de classificar-se dentro da sociedade como homem ou mulher faz uma avaliação cognitiva e permanente do que é, ou não adequado como pauta de conduta, feminina ou masculina a ser seguida e não de um modelo rígido a ser imitado.

Nossa sociedade é formada por indivíduos que apresentam um conceito muito restrito de relações de gênero. Relação esta que é coberta de preconceitos e tabus, assim impedindo a evolução da aprendizagem humana.

Dentro de um contexto social a aprendizagem humana é uma das principais responsáveis pelo convívio amigável entre o sexo masculino e feminino. Desde criança as pessoas são rotuladas, ocorrendo então a camuflagem de suas reais idéias.

Educar o sexo masculino e o feminino é uma tarefa totalmente diferente, isso é o que a sociedade impõe. Um homem deve ser educado de um modo que o mesmo não desenvolva nenhuma sensibilidade futura, ou seja, o homem não deve ser sensível a nada, não deve chorar e nem demonstrar seus sentimentos, a não ser que esses sentimentos expressem poder. Já quando se trata da mulher, a educação é totalmente diferente, a mesma desde criança é ensinada a cuidar dos seus futuros filhos, isso ocorre no momento em que a menina brinca com bonecas e de casinha. O sexo feminino deve ser sensível, dedicar-se aos afazeres domésticos, ser submissa ao homem dentre outros.

Sendo assim, nossa sociedade caminha cada vez mais em direção a um abismo, esse abismo chama-se preconceito, pois é com ele que surge o desrespeito para com o próximo. Os indivíduos que formam a sociedade devem buscar ver que

diferenciar comportamentos entre os homens e as mulheres é algo pavoroso, isso prejudica desde a criança ao adulto.

No momento em que uma pessoa ver-se como homem ou como mulher, ele não deixa de ser humano, isso significa dizer que sendo homem ou mulher, todo e qualquer indivíduo necessita expressar sentimentos, viver livremente, não tento que enganar a si mesmo com idéias preconceituosas.

Impor comportamentos para o feminino e para o masculino é uma atitude que somente as pessoas desinformadas desenvolvem. Para isso mudar é necessário que as mesmas busquem reciclar suas idéias, e busquem ver o novo com bons olhos e assim passem a enxergar o homem e a mulher como seres que devem ter direitos e deveres iguais.

Outro ponto que merece destaque é a divisão dos tipos de trabalhos por sexo. Essa divisão surgiu na metade do século XIX, várias teorias surgiram, elas tentavam explicar as diferenças entre o homem e a mulher através da craniometria, ou seja, o tamanho do cérebro é que classificava o homem como um ser superior, e a mulher como um ser inferior.

Na natureza o homem é um ser instrumental, e a mulher um ser expressivo. O homem na maioria das vezes focaliza-se na realização de objetivos, esconde suas emoções, age em função do seu interesse pessoal e estabelece relações úteis para alcançar suas metas, enquanto que, a mulher é sensível, compreensiva, flexível, preocupa-se com o lado afetivo da família, demonstra suas emoções e valoriza os outros pelas suas qualidades pessoais.

Alguns estudiosos afirmam que um único ser da família não pode conciliar os comportamentos expressivos e instrumentais, pois a divisão dois papéis familiares é diretamente afetada em função do sexo. Assim sendo, as famílias mais eficazes seriam aquelas em que os homens e as mulheres desempenham, respectivamente, os papéis instrumentais e expressivos.

Segundo Freud (1989):

Desligados de sua origem social, as maneiras de ser dos homens e das mulheres tomam-se um dado psicológico proveniente meramente do seu sexo biológico e permite justificar as desigualdades de acesso a posições que requerem competências instrumentais ou expressivas.

Podemos dividir as diferenças entre os sexos em três abordagens, estas consideram o sexo: como uma categoria social, analisando os estereótipos ligados a

essa categoria; como uma variável psicológica, estudando a masculinidade e a feminilidade; como uma variável biológica, examinando as diferenças entre homens e mulheres.

Como podemos observar, a sociedade impõe limites aos comportamentos dos indivíduos, mas isso ocorre devido aos estereótipos, estes podem ser classificados como um conjunto de crenças sobre as características que é suposto os homens e as mulheres possuírem. Esse conjunto também inclui as crenças sobre as características físicas, os tipos de personalidade, os comportamentos ligados aos papéis sociais, as preferências profissionais, as competências específicas e as disposições emocionais.

Uma investigação sobre as diferenças entre os sexos desenvolvida em 1970 confirma que existe um grande consenso acerca dos estereótipos sexuais, e que os atributos masculinos são mais valorizados do que os atribuídos femininos. Os homens são vistos como indivíduos agressivos e exibicionistas do que as mulheres, já as mulheres são vistas como mais prestáveis e servis do que os homens.

Identificar as diferenças entre os sexos é importante, mas é necessário observar o modo como essas diferenças interferem na qualidade do desempenho de homens e mulheres, na explicação dos seus comportamentos e na percepção dos seus valores. Podemos observar que as mulheres avaliam como sendo de melhor qualidade uma tarefa executada por um homem do que por uma mulher.

O sucesso do homem é atribuído às suas competências, e o sucesso da mulher é atribuído à sorte ou ao seu esforço, assim torna-se evidente que os estereótipos sexuais interferem muitas vezes nas opiniões, ou seja, no que venha a ser coisa de homem e coisa de mulher.

Com o intuito de combater os estereótipos que afirma que os homens e as mulheres diferem nas suas competências, personalidades e comportamentos sociais algumas feministas procuraram desenvolver estudos que comprovassem que a exclusão da mulher em algumas profissões tidas como masculinas era uma mera opinião que a sociedade criava, mas que não comprovava que as mulheres seriam inferiores nestas profissões.

As investigações sobre as diferenças entre os sexos prosseguem nos anos 80, os autores recorrem às técnicas quantitativas para examinar se os comportamentos sociais e os traços de personalidade diferenciam em função do sexo. Essas investigações também contemplam os comportamentos na interação

verbal e não verbal, a conformidade, a empatia, a agressão, a liderança e outras atitudes que envolvem os estereótipos e à satisfação na vida.

Na comunicação verbal, os homens interrompem mais a falta das mulheres do que as mulheres dos homens, e de uma forma geral, os homens falam mais que as mulheres, contrariando assim alguns mitos da sociedade.

Já na comunicação não-verbal, as mulheres seriam mais competentes, elas sorriem mais, demonstram mais do que os homens e são mais sensíveis às expressões faciais, à linguagem corporal e ao tom da voz.

Com relação à agressividade, os homens são mais agressivos do que as mulheres. Os homens praticam mais a agressão física, direta, enquanto que as mulheres praticam a agressão indireta, que é aquela que não é identificável, ou a agressão relacional, onde a vítima é magoada através da destruição de suas relações sociais.

As mulheres inibem mais os seus comportamentos agressivos, pois elas se culpam pelos possíveis danos causados à vítima. As diferenças nos comportamentos agressivos poderiam, ainda, provir dos homens considerarem que um comportamento agressivo permite ter um maior controle sobre os outros, enquanto que, as mulheres consideram essa atitude uma falta de autocontrole.

De acordo com Codo (2006):

A sociedade ocidental mostra-se mais tolerante com a agressividade masculina do que com a agressividade feminina. Nomeadamente, ela incentiva os meninos a resolver os seus conflitos através da violência física, oferecendo-lhe brinquedos conotados com violência, como armas e espadas.

Entre as características em que os homens e as mulheres mostram-se mais diferentes estão os comportamentos sociais, comportamentos sexuais, capacidades físicas e traços de personalidade. Essas diferentes características devem-se ao conhecimento prévio que a sociedade apresenta, tanto no fator biológico como no fator social.

As explicações baseadas na natureza consideram as diferenças físicas ou fisiológicas, incluindo as diferenças no desenvolvimento do cérebro, e nas diferenças hormonais. As explicações baseadas na cultura apontam para o papel da socialização, afirmando que a sociedade tem diferentes expectativas em relação aos

comportamentos apropriados aos homens e às mulheres, que são aprendidos pelas crianças através dos processos de reforço e de imitação.

As teorias desenvolvidas a partir dos anos 80 consideram que as diferenças entre os sexos, mesmo as diferenças de natureza cognitiva, são o produto da interação entre as pessoas num contexto social mais abrangente. Assim, na perspectiva baseada na influência das situações sociais, os comportamentos dos homens e das mulheres são baseados em termos dinâmicos e interdependentes.

Sem deixar de lado a influência da biologia ou da socialização, considera-se que as mulheres e os homens têm um conjunto de comportamentos relativamente iguais, mas as suas opiniões de como se devem comportar são diferentes.

Diante do exposto, pode-se afirmar que feminilidade e masculinidade é uma construção que só é possível pela opinião recíproca. A identidade feminina ou masculina só pode ser construída através de um modelo cultural, construído pelas relações, ou seja, pela educação. São dois os gêneros que existem, duas identidades sexuais que aos poucos vão se construindo; as características desses gêneros não são imutáveis, pois não existem garantias de que o que hoje é masculino ou feminino sirva para diferenciar os sexos daqui a algum tempo.

No entanto, as mudanças sociais que ocorrem, que transformam a sociedade e os papéis dos seus agentes, servirão na discussão do gênero como a base de um estudo voltado para o respeito mútuo, e para que haja uma integração entre o masculino e o feminino em qualquer esfera social, pois só assim nossa sociedade será formada por cidadãos respeitadores, transformadores e leais a seus conceitos.

### CAPÍTULO III

#### EDUCADORES X INTEGRAÇÃO ENTRE FEMININO E MASCULINO NO AMBIENTE ESCOLAR

Este capítulo constitui a cerne da pesquisa. Nele pretende-se analisar se os professores do Ensino Infantil da cidade de Parnaíba (PI) promovem a integração entre os sexos feminino e masculino no ambiente escolar.

Bem sabemos que a escola é o lugar onde o indivíduo aprende a conviver e a respeitar os demais, por isso nossos educadores devem estar aptos a repassarem a verdadeira educação, e não apenas ensinar nossas crianças a ler e escrever.

Nossos educadores estão acostumados a considerar algumas diferenças como: diferença de classe social, aparência física, etnia e esquecem de considerar as diferenças existentes entre homens e mulheres e deixam assim de revelar pontos marcantes entre eles.

É inegável que exista uma atribuição social ao que venha a ser coisa de homem ou coisa de mulher, e as crianças tendem a reproduzir essa rígida divisão de papéis, se a professora (ou professor) compartilha dessa visão, de certo irá traduzi-la em atitudes e ações que reforçarão os estereótipos, em vez de contribuir para seu questionamento.

Essas idéias e atribuições servem como um aprisionamento para meninos e meninas, e isso impede que ambos explorem livremente suas capacidades e preferências dentro e fora da escola, dificultando assim a integração do feminino e masculino na esfera social futuramente.

Desde cedo, a escola exerceu uma ação distinta. Ela se encarregou de separar os sujeitos e dividiu internamente os que lá estavam através de vários mecanismos de classificação. A escola que nos foi deixada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes, ricos e pobres e meninos e meninas.

As brincadeiras e brinquedos acessíveis aos meninos e as meninas em idade pré-escolar são totalmente diferentes. Aos meninos os educadores (as) entregam brinquedos desmontáveis, com múltiplos usos, peças utilizadas para a

construção de casinhas e outras edificações, além disso, existe sempre um adulto que incentiva o menino a manipular diferentes objetos e materiais.

Já as meninas são menos solicitadas para essas atividades, brincam por mais tempo com outros brinquedos e demandam mais conservação e cuidado com bonecas. As meninas desenvolvem outras capacidades como a imensa concentração e cuidados com o que for realizar.

É a instituição escolar que produz e reproduz as concepções dominantes de sexualidade e de gênero. As questões ligadas a esta temática devem ser trabalhadas de uma forma dinâmica nas escolas, como por exemplo, ensinar os discentes a gostar, cuidar e respeitar o próprio corpo e o do próximo é essencial para um bom desenvolvimento educacional.

São os adultos que esperam de meninos e meninas comportamentos específicos, para que assim haja a não integração entre eles, sendo que as crianças não estão nem um pouco preocupadas com as regras que definem papéis diferentes para eles ou para elas.

Estes conceitos biológicos e culturais devem ser bem enfatizados, pois devemos observar que ocorrem mudanças na definição do que é ser homem ou mulher ao longo dos tempos e em diferentes regiões, e que essas mudanças se relacionam com a educação. Por isso devemos lembrar que a escola é o local onde as relações de gênero estão presentes inevitavelmente.

Quando meninos e meninas chegam à escola, já têm interiorizada parte dos padrões dos comportamentos discriminatórios, que podem ter uma origem numa forma de pensar retorcida. Por meio de diversas instituições e ensinamentos, muitas concepções foram aprendidas e assimiladas, tornando-se aparentemente naturais, mesmo que sejam fatos culturais, construídos social e historicamente.

Ainda são escassas as relações escolares que produzem possibilidades de argumentos sobre a integração entre os sexos no ambiente escolar, pois são encontradas muitas dificuldades em lidar com essas linguagens e nomeações do mundo sob a ótica das relações de gênero no espaço escolar. O trabalho com questões de diversidades sexuais e das discriminações de gênero dependem da leitura que os membros da escola-professores-funcionários e alunos possuem sobre as relações de gênero.

Trabalhar a integração entre os sexos feminino e masculino no ambiente escolar exige reflexão sobre os símbolos culturais disponíveis, sobre as atribuições

relativas ao que é ser mulher e homem em nossa sociedade; sobre a difícil tarefa de socialização das crianças; sobre as regras do campo político, educativo e sobre a construção da identidade de cada indivíduo dentre outros.

Diante dessas situações podemos perceber que, a integração entre os sexos no ambiente escolar não é algo promovido pelo educador, mas sim é algo que promove o preconceito de muitos.

Foi a partir dessas indagações que se buscou investigar (como as relações de gênero) vem sendo implantada no Ensino Infantil, que sentido vem sendo dado a esta temática.

A pesquisa é não-experimental, correlacional, transversal, bibliográfica e de campo, qualitativa e quantitativa.

Este estudo foi realizado com quatorze professores do Ensino Infantil da cidade de Parnaíba (PI), pertencentes a duas escolas públicas municipais (escola X e Y), pretendendo-se com isso obter uma visão mais próxima das questões que envolvem a temática na escola.

Para a realização desta investigação utilizou-se como técnica de coleta de dados o questionário contendo dez perguntas, sendo todas fechadas, objetivando com isso confirmar ou negar as hipóteses apresentadas na pesquisa.

Os dados foram coletados no segundo semestre de dois mil e oito. Para uma melhor compreensão deste estudo, buscou-se uma vasta fundamentação teórica na pesquisa bibliográfica, e para uma obtenção de dados reais e atuais sobre o tema utilizou-se a pesquisa de campo.

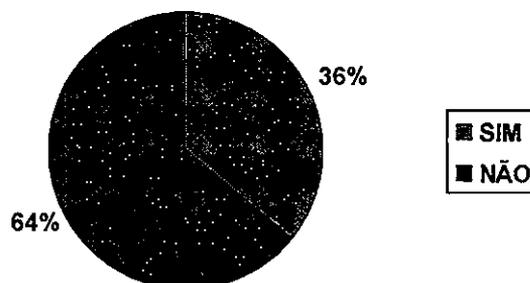
Para que o leitor desta monografia tenha uma visão mais ampla da realidade pesquisada, apresenta-se a seguir dados coletados com suas respectivas análises.

As opiniões emitidas pelos professores da Educação Infantil da cidade de Parnaíba (PI) sobre a integração entre o sexo feminino e masculino no ambiente escolar serão analisadas através de gráficos com suas respectivas perguntas e comentários.

### 3.1. Análise e tabulação de dados.

#### Gráfico 1:

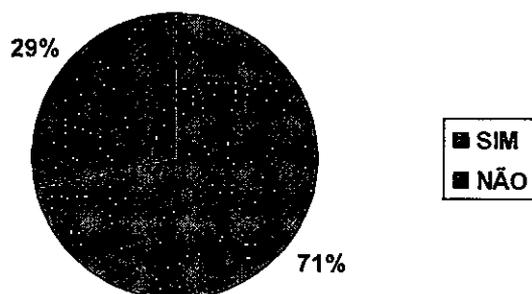
Para você o assunto “gênero e sexualidade deve ser abordado na escola?



De acordo com a pesquisa realizada 64% dos docentes concordam que o assunto gênero e sexualidade não devem ser abordados na escola e 36% afirmam que esse assunto deve sim ser abordado na escola.

#### Gráfico 2:

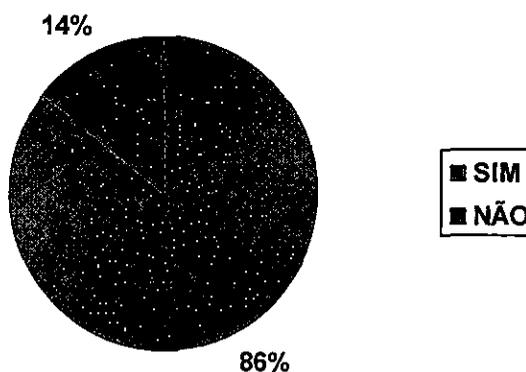
Os profissionais da educação, ou seja, os professores influenciam as crianças em suas próprias percepções e apreciações relacionadas à feminilidade e masculinidade?



Com relação a influências 71% dos docentes afirmam que os professores influenciam as crianças em suas percepções sobre a feminilidade e masculinidade e 29% afirmam que não.

**Gráfico 3:**

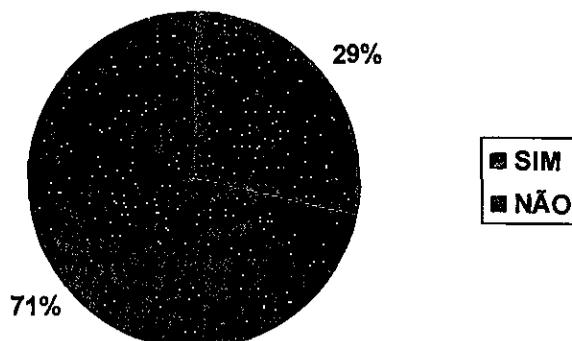
Você acha certo programar atividades diferenciadas, como brincadeiras para cada sexo?



Na programação de atividades diferenciadas para menino e menina 86% dos docentes afirmam que isso é correto e 14% afirmam que isso não é correto.

**Gráfico 4:**

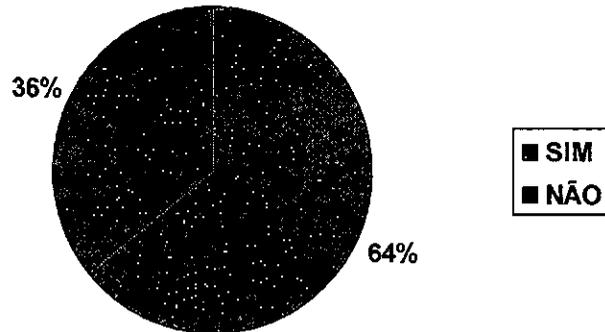
Você acha que no momento em que os professores separam os sexos feminino e masculino estão ajudando a construir cidadãos preconceituosos?



Em relação à separação dos sexos feminino e masculino 29% dos docentes afirmam que isso ajuda a construir cidadãos preconceituosos e 71% afirmam que não.

**Gráfico 5:**

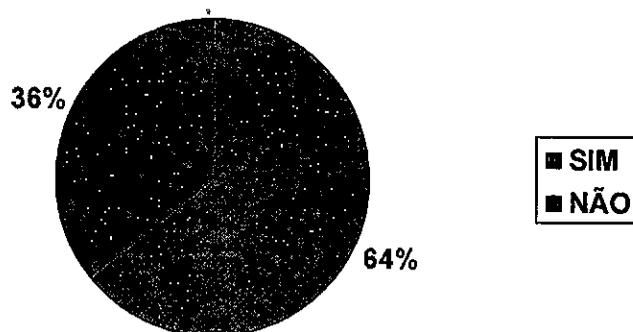
Os professores ainda limitam seus alunos quando o assunto é sexualidade? Isso é certo?



Com relação à limitação do assunto sexualidade dentro da sala de aula 64% dos docentes afirmam que essa limitação existe e que limitar os alunos sobre sexualidade é correto, já 36% afirmam que limitar não é o melhor caminho.

**Gráfico 6:**

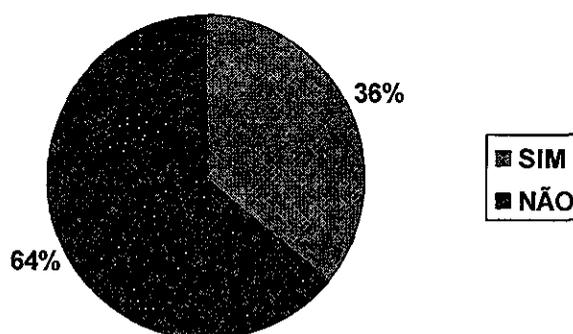
Você concorda com a seguinte frase: "Meninas usam cor-de-rosa e meninos não choram"



De acordo com a pesquisa realizada 64% dos docentes concordam com esta frase e 36% não concordam com essa afirmação.

**Gráfico 7:**

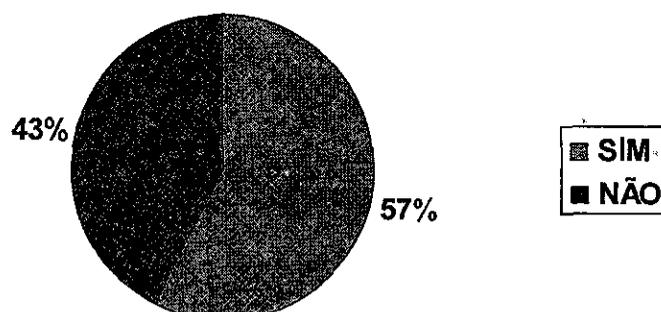
Você acha que, atualmente, os profissionais da educação estão capacitados para abordarem relações de gênero em sala de aula, e assim promover a integração entre os sexos?



Os profissionais da educação, afirmam que 64% dos mesmos não se encontram capacitados para abordarem relações de gênero em sala de aula e promover a integração entre os sexos, e 36% afirmam que se sentem preparados para executar essa atividade.

**Gráfico 8:**

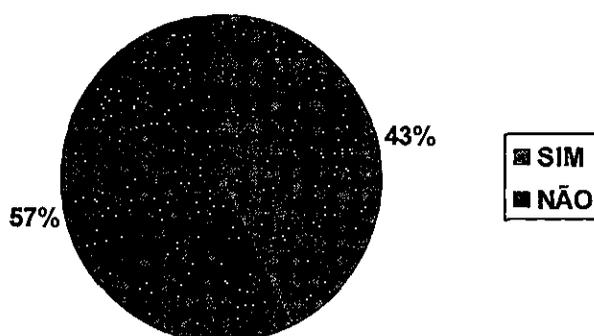
Você acha que a escola é responsável de passar para seus discentes somente conceitos científicos e técnicos sobre gênero e sexualidade?



Mediante a afirmação que a escola é responsável somente por passar conceitos técnicos e científicos sobre gênero e sexualidade 57% dos docentes afirmam que isso é certo e 43% afirmam que isso não é correto.

**Gráfico 9:**

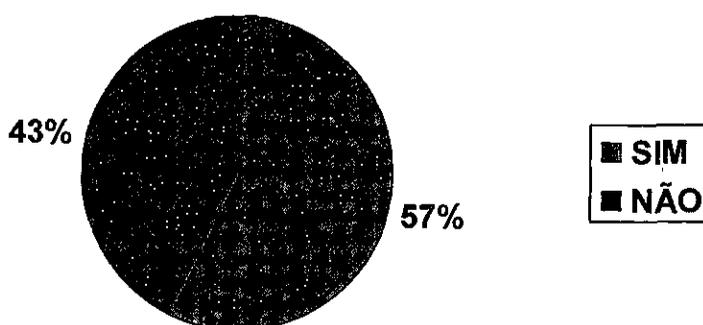
Você acha que nossa educação evoluiu no que se diz respeito à relações de gênero?



Com relação à evolução da nossa educação no que diz respeito às relações de gênero 57% dos docentes afirmam que essa evolução não ocorreu de forma alguma, já 43% dos docentes afirmam que a educação evoluiu no que se diz respeito às relações de gênero.

**Gráfico 10:**

Na escola é onde aprendemos a ser cidadãos exemplares, mas ela muitas vezes passa para os alunos conceitos estereotipados sobre gênero, sexo e identidade sexual, deixando assim que o assunto seja abordado somente pelos pais. Você acha isso correto?



De acordo com a pesquisa realizada 57% dos docentes acham correto que a escola deixe que os assuntos sobre gênero, sexo e identidade sexual sejam abordados somente pelos pais dos discentes, já 43% dos docentes não concordam que esses assuntos devem ser abordados somente pelos pais.

## CONCLUSÃO

Diante da pesquisa realizada, pode-se perceber que atualmente nossos docentes mostram-se indisponíveis para conversar sobre sexualidade e relações de gênero dentro da sala de aula com seus alunos, assim sendo a integração entre os sexos feminino e masculino não é desenvolvida, sendo que na maioria das vezes a escola é quem proíbe essa temática em seu currículo.

Quanto aos conceitos relacionados ao tema, os professores demonstram que ainda permanecem com opiniões preconceituosas e restritas, limitando então a aprendizagem dos seus alunos, não promovendo a educação reflexiva.

Mediante as situações acima descritas, pode-se afirmar que todas as hipóteses foram confirmadas, pois os docentes na maioria das vezes mostram-se indisponíveis para conversar com seus alunos sobre relações de gênero e sexualidade; os docentes constroem conceitos estereotipados e restritos ao que diz respeito ao gênero e à sexualidade; os docentes limitam em seus alunos a capacidade de desenvolver uma aprendizagem reflexiva sobre ao que venha a ser gênero e sexualidade; e assim contribuem para a não integração entre os sexos no ambiente escolar.

Isso leva-nos a fazer a seguinte reflexão: como esses professores podem educar? Sendo que os mesmos fogem da realidade e restringem seus próprios conceitos.

O verdadeiro educador é aquele que ensina e não aquele que limita a aprendizagem, mesmo que o assunto que esteja sendo abordado seja muitas vezes tido como impróprio, que é o caso das relações de gênero no ambiente escolar, cabendo então ao docente abordar o assunto de uma forma respeitadora e livre de qualquer preconceito, atitude esta que não é vista em nosso cotidiano, o que é lamentável para nossa educação. Deseja-se também que surjam novos estudos sobre esta temática, pois só assim nossa sociedade saberá realmente viver livre de preconceitos.

À partir dos resultados desta pesquisa e conclusões, recomenda-se para futuros trabalhos esta monografia, pela importância que o tema exerce no cenário da educação, sendo relevante, por ser realidade em nossas escolas. Dessa forma vindo

servir como subsídios para as dúvidas mais comuns sobre a integração de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Recomenda-se, também, que este tema continue a ser estudado e pesquisado por escola, família e sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa de. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília(DF): MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais**. Brasília: MEC, 1997.

BRITZMAN, Déborah P. **O que é esta coisa chamada amor?** Identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade. Porto Alegre, n. 21 (1), p. 71-96, jan./jun., 1998.

CODO, W. (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CONNEL, Robert. **Políticas da masculinidade: Educação e realidade**. Porto Alegre: v. 2., n. 20, jul-dez, 2000, p. 189.

COSTA, M. V. **Trabalho docente e profissionalismo: uma análise sobre gênero, classe e profissionalismo no trabalho de professores e professoras de classes populares**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FARIA, Nalu. **Gênero e desigualdade**. São Paulo: Cadernos Sempre Viva, 1999.

FELIPE, Jane. **Sexualidade, gênero e novas configurações familiares: algumas implicações para a Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: UFRES / Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2000.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre teoria da sexualidade**. v. 11. Rio de Janeiro: Delta, 1989.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RIBEIRO, Paulo Rinnes Marcal. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: CPU, 1999.

SILVA, Toimaz Tadeu. **O currículo como fetiche**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TRORNE, Barrie. **Gender play: girl and boys in school**. New Jersey: Rutgers University Press, 1998.

VIANA, Cláudia. **Sexualidade, gênero e educação: um panorama temático**. Educação grades temas. p. 17, março, 2008.

## **APÊNDICE**



**8. Você acha que a escola é responsável de passar para seus discentes somente conceitos científicos e técnicos sobre gênero e sexualidade?**

(  ) Sim                      (  ) Não

**9. Você acha que nossa educação evoluiu no que se diz respeito à relações de gênero?**

(  ) Sim                      (  ) Não

**10. Na escola é onde aprendemos a ser cidadãos exemplares, mas ela muitas vezes passa para os alunos conceitos estereotipados sobre gênero, sexo e identidade sexual, deixando assim que o assunto seja abordado somente pelos pais. Você acha isso correto?**

(  ) Sim                      (  ) Não